

A perda de um ícone do movimento moderno carioca: O Hospital Universitário da UFRJ (1949-2010)

Roberto SEGRE*, José BARKI^a

* Doutor em Ciências das Artes, Havana (1990); Doutor em Planejamento Regional e Urbano (1997), Rio de Janeiro

Professor Titular no PROURB/FAU/UFRJ

Endereço do Autor

Avenida Roberto Silveira 305 apt 1001, Icaraí, Niterói, CEP 24230-152, RJ

E-mail do Autor

bobsegre@uol.com.br

^a José Barki, Doutor em Urbanismo, PROURB/FAU/UFRJ/ 2003

Professor Adjunto, PROURB/FAU/UFRJ

Abstract

Certainly, the implosion of the University of Brazil Hospital abandoned half, on December 19, 2010 - the building that now houses the *Clementino Fraga Filho* University Hospital, designed in 1949 by Jorge Machado Moreira - will not have the consequence the demolition of Pruitt-Igoe housing project in Saint Louis, by Minoru Yamasaki, acquired. During the second half of the twentieth century countless buildings of the Modern Movement were demolished in the world. However, there is no precedent "conserving" half of a modern building. Fragments of buildings were valued by Romanticism in the nineteenth century as an expression of remembrance for a lost past. However, one can have serious doubts about the aesthetic value of half of a "modernist ruin": Will it be transformed into a sad picture? Will it be transformed into a nightmare that replaces utopia? In any way, the University Hospital implosion will leave a void in the skyline of the city. It is, again, the result of, at least, contradictory decisions in a moment that millions are spent in adapting or building new hospitals with Federal funds if a hospital implodes it could have fulfilled the destiny that was expected of him. The great paradox is that probably the same type of explosives used in demolition, were present - no more than a few hundred yards away - in the barges on which were mounted the fireworks for New Year's Eve of 2011. The clouds of ash and its consequences were suppressed and forgotten by the fleeting colorful glitter that inaugurated a new, but perhaps a little poorer, year.

Resumo

Certamente, a implosão da metade abandonada do Hospital das Clínicas da Universidade do Brasil, no dia 19 de dezembro de 2010 — edifício que hoje abriga o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ, projetado em 1949 por Jorge Machado Moreira —, não terá a repercussão internacional que obteve a demolição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe em Saint Louis, de Minoru Yamasaki. Na segunda metade do século vinte foram demolidos inúmeros prédios do Movimento Moderno no mundo. No entanto, não se tem notícia da “preservação” de metade de um edifício moderno. Os fragmentos de edifícios foram valorizados pelo Romantismo no século XIX, na valorização da beleza da ruína, como expressão da lembrança de um passado perdido. No entanto, surgem sérias dúvidas quanto ao valor estético de uma "ruína modernista pela metade": como será a permanência de uma parte do hospital? Será que se converterá em uma triste imagem, um pesadelo que substitui a concretização de uma utopia. De todo modo, a implosão da metade do Hospital Universitário vai deixar um vazio no *skyline* da cidade, já que a sua dimensão gigantesca dominava a paisagem do Rio de Janeiro. É, mais uma vez, o resultado de decisões no mínimo contraditórias: no momento em que se gastam milhões na construção de novos hospitais ou se adaptam edifícios como a sede do Jornal do Brasil para o INTO com fundos do governo federal, se implode um hospital que poderia ter cumprido o destino que dele se esperava. O grande paradoxo será que provavelmente os mesmos explosivos empregados na demolição, estiveram presentes — a não mais do que poucas centenas de metros de distância —, nas barcaças nas quais foram montados os fogos de artifício para o Réveillon de 2011 na praia de Copacabana. As nuvens de cinzas e as suas consequências, foram abafadas e esquecidas pelas fugazes ostentações coloridas que inauguraram um ano mais novo e talvez um pouco mais pobre.

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna, Cidade Universitária, Jorge Machado Moreira, Arquitetura Hospitalar

1. Introdução

É um constante paradoxo o destino dos edifícios do Movimento Moderno: por um lado, o sanatório Zonnestraal — projetado por Johannes Duiker e Bernard Bijvoet em 1926/28, em Hilversum na Holanda — é totalmente restaurado por Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge, projeto com o qual recebem em 2010 o prêmio internacional *World Monuments Fund / Knoll Modernism Prize*; por outro, a gigantesca estrutura do Hospital Universitário da UFRJ, principal ícone do *Campus*, criado em 1949 no Rio de Janeiro (MELLO JR., 1985, p. 52) é mutilada no final do mesmo ano. Certamente, a implosão de metade abandonada do Hospital das Clínicas da Universidade do Brasil — a chamada “perna-seca” —, edifício que hoje abriga o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ, projetado em 1949 por Jorge Machado Moreira, que aconteceu às sete da manhã do dia 19 de dezembro de 2010, não terá a repercussão internacional que a demolição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe em Saint Louis — ocorrida às 3:32 na tarde do dia 15 de julho de 1972 —, de Minoru Yamasaki, obteve. Tanto para Paolo Portoghesi (PORTOGHESI, 1983) como para Charles Jencks (JENCKS, 1977), este foi o evento que marcou o fim do Movimento Moderno e o início do chamado Pós-modernismo. Muito menos se pode comparar com trágica queda das duas torres do World Trade Center, também de Yamasaki, com o atentado do dia 11 de setembro de 2001, fato que mudaria a dinâmica da política internacional neste início de século.

Destruição de ícones arquitetônicos ocorre desde o início da Civilização Ocidental: quando Roma decide esmagar no ano 133 DC a “rebelião judaica” e destruir o Templo de Jerusalém, acabou por colocar em movimento as forças que iriam definir a cultura “Judaico-Cristã” e o Mundo Ocidental em que vivemos (KOSTOF, 1985, p. 217). Parte do embasamento — chamado de *Muro das Lamentações*, ainda hoje sitio sagrado para os judeus — é a lembrança da força simbólica de algumas ruínas arquitetônicas. De fato, muitas guerras e conflitos, algumas que infelizmente ainda persistem, destruíram ao longo de séculos cidades e monumentos e deixam vazios ruidosamente silenciosos: fragmentos e destroços que são como apontamentos de um passado doloroso.

O Rio de Janeiro infelizmente também é uma cidade que se distingue por suas derrubadas e destruições. As mais relevantes tiveram início com a violação da natureza exuberante que determinava a qualidade paisagística do sítio original: entre o século XIX e XX, os túneis abriram profundas cicatrizes nos morros; no centro da cidade os morros do Senado, Castelo e Santo Antônio desapareceram. O processo de modernização urbanística que resulta do traçado das avenidas Central e Presidente Vargas arrasou centenas de prédios e monumentos importantes. Foram iniciativas ao mesmo tempo pragmáticas e radicais. Eram baseadas tanto na lógica do desenvolvimento econômico e na necessidade consequente de mudanças funcionais,

quanto no desejo de criar novos símbolos que identificassem as transformações sociais (ABREU, 1997, p. 79).

Se considerarmos as perdas recentes de muitos edifícios e monumentos, se pode notar que sempre vieram acompanhadas com justificativas com os mais diferentes conteúdos, sejam eles práticos, eficientes, simbólicos ou até mesmo metafóricos. É de se lembrar o acirrado debate para preservar o Palácio Monroe, demolido de maneira injusta em 1976: fato que pode até ser interpretado como o triunfo definitivo do Movimento Moderno sobre um academicismo desprezado. Pouco tempo depois, ocorreria a intervenção agressiva no conjunto habitacional Marquês de São Vicente de Affonso Reidy (1979), provocado por um “*rodoviarismo*” um tanto equivocado que demandava unir o sistema viário da zona sul, a partir do Túnel Rebouças, à Barra de Tijuca. Como exemplo de uma especulação imobiliária irresponsável se teve como resultado a demolição da torre de apartamentos Palace II, de 22 andares (1998), por conta da péssima qualidade da construção. Recentemente, a rejeição popular acabou com a passarela de Ipanema (2009) — mais simbólica que funcional — que demarcava, junto com um obelisco de gosto duvidoso, o final do antigo circuito da linha de Bondes na zona sul — também de saudosa memória. Finalmente, o decrépito sistema penitenciário carioca teve como “coroação” simbólica a implosão de oito prédios do Complexo Presidiário da Frei Caneca (2010).

É muito provável que as perdas destes elementos da paisagem urbana do Rio de Janeiro passem despercebidos — com exceção do Palácio Monroe, que persiste na memória social urbana —; no entanto, a destruição de metade do edifício que abriga o hospital universitário, ficará visível como uma eterna ferida, uma cicatriz arquitetônica, uma evidência da crise do projeto social associado ao Movimento Moderno, que — de acordo com Beatriz Jaguaribe (JAGUARIBE, 1998, p. 133) — “projetará a sua silhueta desmantelada sobre a cidade”. Será ele a demonstração atual da falência das aspirações do governo de Getúlio Vargas e do seu Ministro da Educação e Saúde Pública (MESP); que nos anos trinta entendiam como responsabilidade e atribuição do Estado o desenvolvimento de um sistema educacional e de saúde modernos, de abrangência pública e nacional reconhecendo os modelos aplicados nos Estados Unidos e na Europa (SCHWARTZMAN et alii, 2000, p.189). Nos anos trinta, quarenta e cinquenta, as elites intelectuais e políticas tinham em comum um projeto social: a ambição de consolidar as bases de um Estado a serviço da comunidade, assumindo os avanços artísticos, culturais, técnicos e científicos, que também deviam se manifestar na arquitetura e no urbanismo. Os políticos acreditavam na necessidade de uma arquitetura de alta qualidade, como aconteceu com o ministro Gustavo Capanema, protetor da jovem vanguarda carioca responsável pela sede do ministério – Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão, Burle Marx e Ernani Vasconcellos –; e o médico Pedro Ernesto Batista, prefeito do Rio de Janeiro (1931-1936) e promotor do sistema hospitalar da cidade.

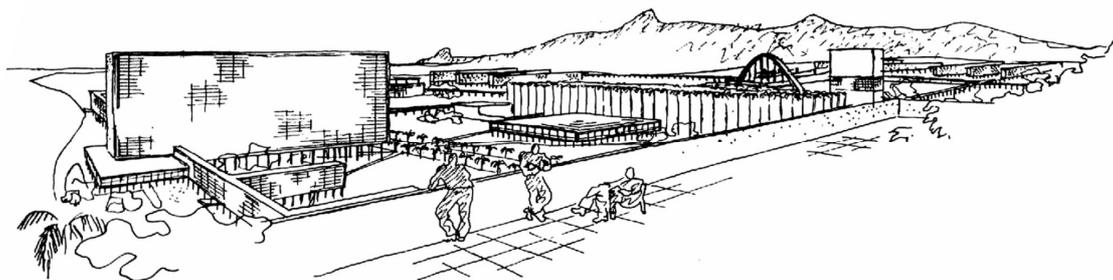
2. Um Hospital “Moderno”

Na Primeira Guerra Mundial, em consequência dos milhões de mortos e feridos a medicina teve avanços vertiginosos. Com o incremento da população urbana deu-se início nos Estados Unidos a construção de gigantescos hospitais que abandonaram o tradicional sistema dos pavilhões baixos, e adotaram a tipologia dos blocos altos: por exemplo, nos anos trinta em Nova York, surgem o *Columbia Presbyterian Medical Center* e o *New York Hospital Cornell Medical Center*, ambos de quase 1500 leitos (PEVSNER, 1976, p. 158; TOLEDO, 2006, p. 25). De todo modo, eram edifícios que não haviam assimilada a linguagem do Movimento Moderno, que só começou a ser aplicado depois da Segunda Guerra Mundial. É de se ressaltar a qualidade excepcional do sanatório para tuberculosos (300 leitos) de Paimio, Finlândia, projetado por Alvar Aalto em 1928 — convertido em ícone mundial da arquitetura racionalista (SCHILDT, 1963; BENÉVOLO, 1963, p. 705) —; e do projeto não construído da *Cité Hospitalière* em Lille, França, de Paul Nelson (1933), conjunto imaginado com torres de 27 pavimentos, reconhecendo o modelo dos edifícios altos criado por Le Corbusier. Outra característica notável dos grandes hospitais foi a sua associação com as principais universidades, que os utilizaram como centros de ensino da carreira de medicina.

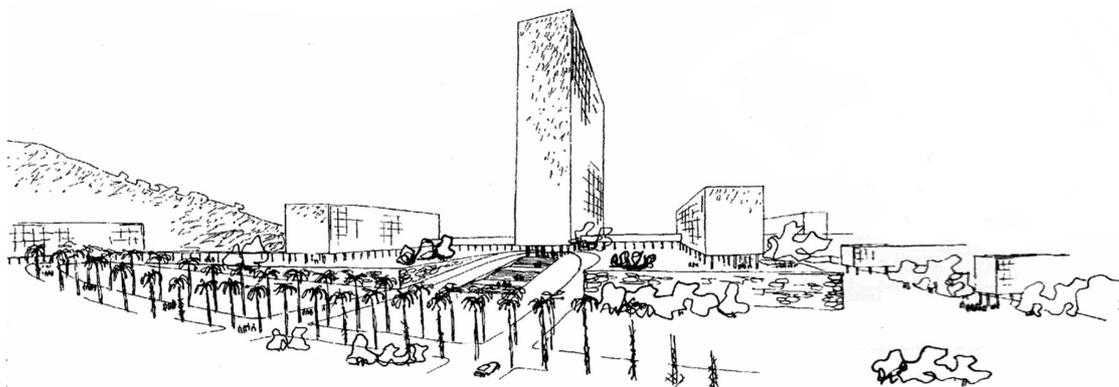


Cité Hospitalière em Lille, França, de Paul Nelson (1933)

A integração entre educação e saúde se difundiu rapidamente na América Latina, e sem dúvida o Brasil foi pioneiro nesta iniciativa ao outorgar uma significativa importância à presença do hospital nos projetos do *Campus* da Universidade do Brasil, elaborados por Lúcio Costa e Le Corbusier em 1936 para a sua localização na Quinta de Boa Vista no Rio de Janeiro (GOROVITZ, 1993). Nos projetos apresentados pelos dois Mestres — e rejeitados pela comissão de professores tradicionalistas e conservadores — a monumental lâmina do hospital universitário, presidia o eixo da composição no extremo oposto ao conjunto simbólico da reitoria e da entrada principal. No início da segunda metade do século vinte, as duas principais cidades universitárias da América Latina — nas cidades de México e de Caracas, e recentemente inseridas pela UNESCO na lista do Patrimônio Mundial —, o hospital e a faculdade de medicina tinham primazia como componentes do sistema arquitetônico e urbanístico do *Campus* (SEGAWA, 2001, p. 58).



Proposta de Le Corbusier para o campus da Universidade do Brasil na quinta da Boa Vista; em primeiro plano o Hospital Universitário (1936)



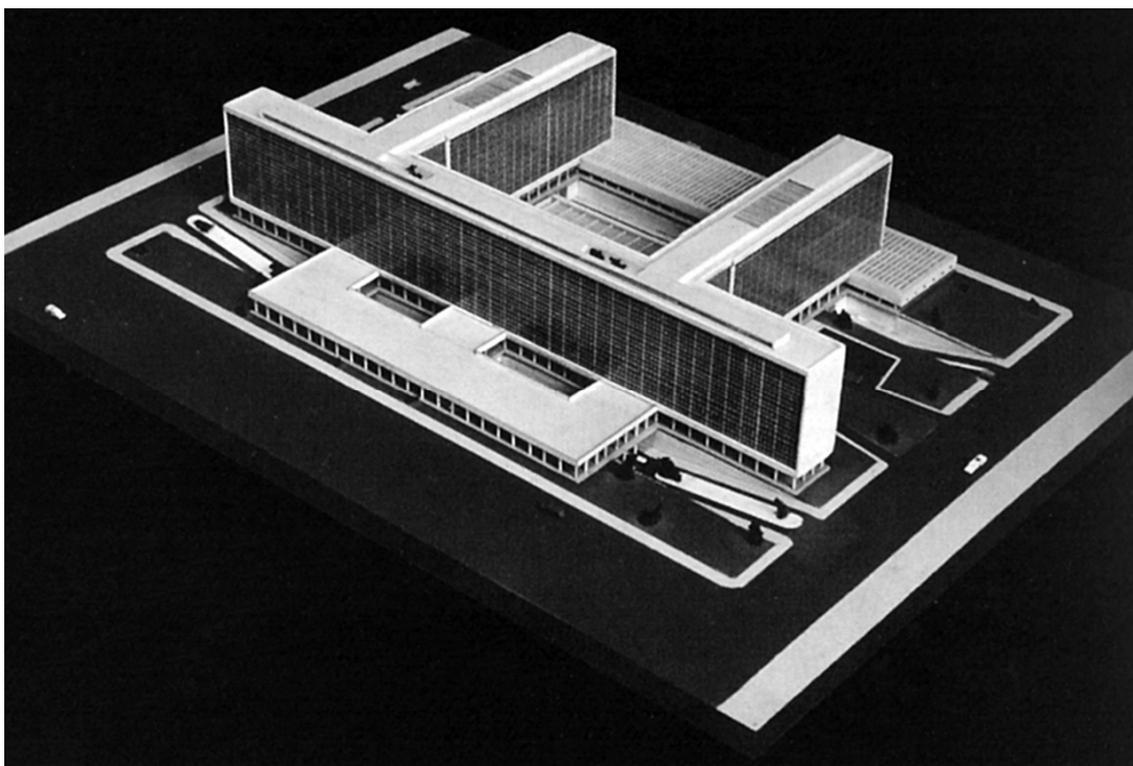
Proposta de Lucio Costa para o campus da Universidade do Brasil na quinta da Boa Vista com a lâmina prevista para o Hospital Universitário (1936)

Depois de diversos projetos e tentativas de localizações da Cidade Universitária no Rio de Janeiro, em 1948, o ministro da educação, Ernesto Souza Campos, e o reitor da Universidade do Brasil, Raul Leitão da Cunha, aprovaram como sítio definitivo a fusão de oito ilhas da baía de Guanabara próximas à ilha do Governador - cuja superfície aterrada se transformou na ilha do Fundão - para instalar o futuro campus da Universidade do Brasil, com uma superfície de 469 Há., 4.5 km de comprimento e largura média de 1km. Em 1949 criou-se o Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB), com uma grande equipe de arquitetos, engenheiros e técnicos, sob a direção do arquiteto Jorge Machado Moreira.

Jorge Moreira, que havia participado do projeto do MES, era um apaixonado admirador de Le Corbusier e neste grande conjunto previsto para o Fundão, surgia à oportunidade de aplicar as suas ideias arquitetônicas e urbanísticas, cuja influência se refletia no rigor e no ascetismo dos edifícios projetados. Segundo Jorge Czajkowski o resultado obtido era uma “uniformidade sem monotonia” (CONDURU, 1999, 14). Também aprofundou o conhecimento das funções e programas hospitalares nos projetos elaborados para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Rio Grande do Sul (1942); o Hospital Escola; o Sanatório de Tuberculosos Bela Vista, em Correias, Petrópolis (1944), projetado com Carlos Leão; e o Sanatório de Tuberculosos de Porto Alegre (1950). A tipologia da lâmina alta com um embasamento horizontal era comum nos anos cinquenta, tanto no cenário internacional — constituía um exemplo paradigmático o *Franco-American Memorial Hospital* em Saint-Lô, França, projetado por Paul Nelson (1946-1954) —, como no conjunto de hospitais que se realizavam no Brasil. Entre eles sobressaem os estudos teóricos e as obras de Rino Levi — o projeto da Maternidade Universitária da USP (220 leitos, 1944), com Roberto Cerqueira César e Franz Andrea Pestalozzi; e o Hospital Central do Câncer (170 leitos, 1947), com Roberto Cerqueira César — (XAVIER, LEMUS, CORONA, 1983); e no Rio de Janeiro, o hospital Sul América (200 leitos, 1952) de Oscar Niemeyer e Hélio Uchoa; e o Hospital dos Marítimos (450 leitos, 1955) de Firmino Saldanha.

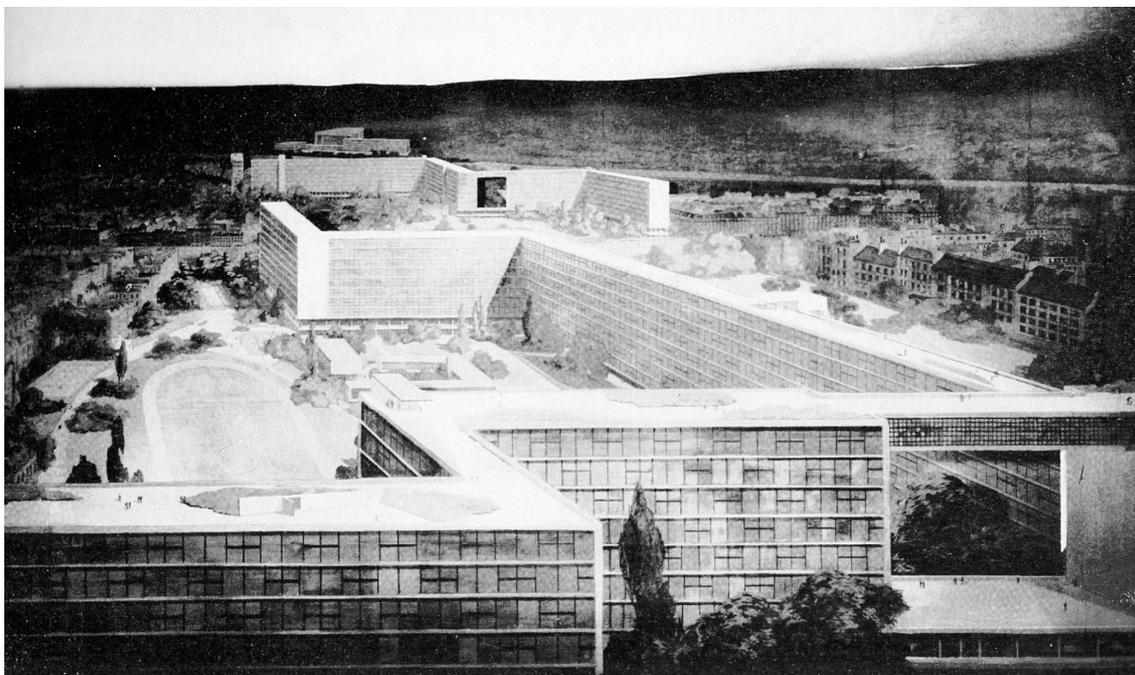
A escala inusitada e gigantesca do hospital — dois mil leitos e 200.000m² — respondia a demanda de estabelecer uma referência nacional de um hospital-escola, de defini-lo como o ponto alto do principal centro universitário do país (GAMA-ROSA, 2008, p.130). Para ele seriam encaminhados os estudantes e médicos dos diferentes estados do Brasil, constituindo um modelo moderno de excelência para as diferentes especialidades da medicina. Jorge Moreira assumiu o legado da significação simbólica do edifício conforme previsto nas propostas de Le Corbusier e Lúcio Costa (1936), que o identificava como o ícone principal do *Campus*. Daí o cuidadoso e elaborado desenho, baseado em uma precisa geometria axial — a lâmina principal com as asas perpendiculares formando um duplo T —, dois volumes de 11 pavimentos sustentados

por pilotis de dupla altura, com um embasamento horizontal estendido ao longo da dimensão principal, que abrigava os principais serviços médicos para o grande público (SEGRE, 2004, p.20).



Maquete do projeto original proposto para o Hospital das Clínicas da Universidade do Brasil por Jorge Machado Moreira, Ilha do Fundão, RJ (1957)

Por baixo do amplo pátio interno se situava um grande estacionamento subterrâneo. A percepção do pedestre da gigantesca dimensão do conjunto — que na perspectiva se assemelhava a escala dos “*rédents*” imaginados por Le Corbusier para o projeto da *Ville Radieuse* (LE CORBUSIER, 1965, p. 55) — era atenuada pelo desenho das fachadas do embasamento que davam seqüencia ao tema plástico adotado no leve e sutil Instituto de Puericultura e Pediatria, situado ao lado do hospital. De acordo com a orientação dos volumes, se alternavam as fachadas de vidro com as proteções dos *brise-soleil* verticais de cimento-amianto. Constituía ao mesmo tempo uma forma puritana e utópica, sucessora direta dos modelos avançados de Le Corbusier e Ludwig Hilberseimer que buscavam uma “fantasia exata” associada aos princípios estéticos do Movimento Moderno (HAYS, 1995, p. 199)



Le Corbusier, projeto de blocos residenciais com escala semelhante àquela idealizada por Jorge Machado Moreira para o Hospital Universitário

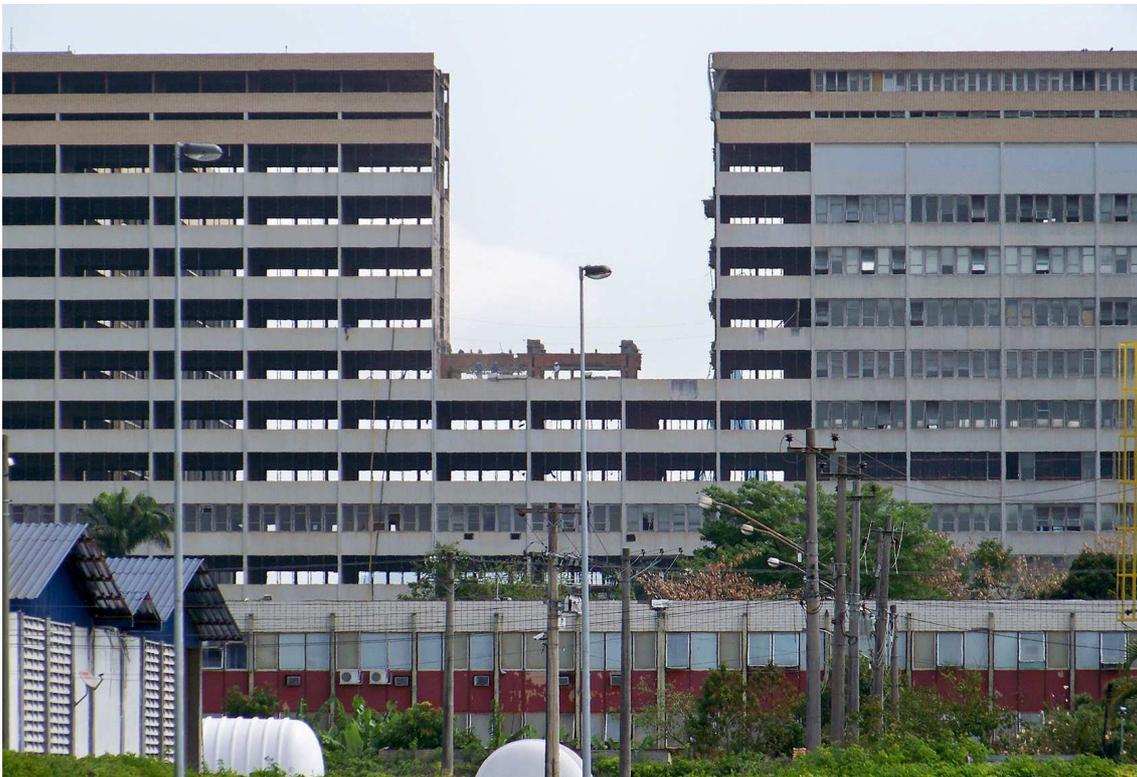
A dura realidade ficou distante dos desejos, aspirações e ilusões dos intelectuais, arquitetos e políticos que imaginaram o futuro do Brasil nos anos cinquenta. Construídos os primeiros quatro edifícios do *Campus*, entre 1949 e 1957, com a mudança da capital para Brasília em 1960 as grandes obras federais para a agora “velha” capital foram paralisadas. A criação da Universidade de Brasília transformou a Cidade Universitária em um espaço de magnitude local, que posteriormente seria renomeado como UFRJ. As obras do hospital permaneceram interrompidas até 1974, naquele ano o governo da militar decidiu completa-las para a abertura parcial do Hospital Universitário. Resolveu-se utilizar somente a metade da estrutura, sem qualquer reconhecimento ao projeto original. Semiabandonado e desprovido de manutenção por cinquenta anos; a estrutura de concreto armado da seção vazia não suportou a passagem do tempo e algumas colunas dos pilotis cederam, fato que levou a decisão da sua derrubada definitiva, mantendo o volume do hospital ainda que com um funcionamento precário, como ficou demonstrado no triste documentário UH, realizado por Joana Traub Csekö e Pedro Urano (2009).

Na segunda metade do século vinte foram demolidos inúmeros prédios do Movimento Moderno no mundo. No entanto, não se tem notícia da “*preservação*” de metade de um edifício moderno. Os fragmentos de templos, igrejas ou palácios históricos tiveram uma significação poética nas ruínas remanescentes, intensamente valorizadas pelo cenário do

paisagismo romântico do século XIX (COLLINS, 1973, p. 44). Mas surgem sérias dúvidas quanto ao valor estético de uma “ruína modernista pela metade”. Como será a permanência de uma parte de um hospital idealizado como uma referência? Será que se converterá em uma triste imagem, um pesadelo que substitui a concretização de uma utopia. De todo modo, sua dimensão o converteu em um ícone do Rio de Janeiro: tanto na percepção da sua volumetria a partir da ponte Rio-Niterói, quanto a sua identificação como primeiro edifício notável no percurso que se inicia no aeroporto internacional Tom Jobim. Sem dúvida, formava parte do rosto da cidade, e como escreveu o poeta Nazim Hikmet, “nunca se esquece o rosto da mãe e o rosto da cidade”. Para os alunos e professores da UFRJ, a silhueta do hospital permitia reconhecer o *Campus* na distância, como a cidade de Zora, que segundo Italo Calvino, perdurava na memória ponto por ponto (CALVINO, 1972, p. 23).



Interior da “perna-seca” do Hospital Universitário antes da implosão,
cinquenta anos de abandono



Separação da “perna-seca” do hospital para prepará-la para a implosão



O momento da implosão da “perna-seca” no dia 19 de dezembro de 2010

A implosão da metade do Hospital Universitário vai deixar um vazio no *skyline* da cidade. E mais uma vez, é o resultado de decisões no mínimo contraditórias: no momento em que se gastam milhões de reais na construção de novos hospitais — os da rede Sarah de Lelé — ou se adaptam edifícios como a sede do Jornal do Brasil para o INTO com fundos do governo federal; se implode um hospital que poderia ter tido melhor sorte; que poderia ter cumprido o destino que dele se esperava e ter sido de grande utilidade para a densa população — de escassos recursos — daquela área da cidade. O grande paradoxo será que provavelmente os mesmos explosivos empregados na implosão, estiveram também presentes — a não mais do que poucas centenas de metros de distância —, nas barcaças nas quais foram montados os fogos de artifício para o Réveillon de 2011 na praia de Copacabana. As nuvens de cinzas, e as suas conseqüências, foram abafadas e esquecidas pelas fugazes ostentações coloridas que inauguram um ano mais novo e talvez um pouco mais pobre.

Bibliografia

- ABREU, Mauricio de A., *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, Iplanrio, 1997.
- BENÉVOLO, Leonardo, *Historia de la arquitectura moderna*. Volume II, Madri: Editorial Taurus, 1963.
- CALVINO, Italo, *Le Città Invisibili*. Turín: Einaudi, 1972.
- CONDURU, Roberto, “Razão ao cubo”, em Jorge Czajkowski (Edit.), *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, Secretaria Municipal de Urbanismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999, pp. 14-33.
- COLLINS, Peter, *Los ideales de la arquitectura moderna: su evolución (1750-1950)*. Barcelona: Editora G. Gili, 1973.
- GAMA-ROSA COSTA, Renato, “Arquitetura e Saúde no Rio de Janeiro”, em Ângela Pôrto, Gisele Sanglard, Maria Rachel Fróes da Fosneca, Renato da Gama-Rosa Costa (Org.), *História da Saúde no Rio de Janeiro. Instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, pp. 117- 136.
- GOROVITZ, Matheus, *Os riscos do projeto. Contribuição à análise do juízo estético na arquitetura*. São Paulo: Edunb/Studio Nobel, 1993.
- HAYS, K. Michael, *Modernism and the Posthumanism Subject. The Architecture of Hannes Meyer and Ludwig Hilberseimer*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- JAGUARIBE, Beatriz, *Fins de Século. Cidade e Cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

JENCKS, Charles, *The Language of Post-Modern Architecture*. Nova York: Rizzoli, 1977.

KOSTOF, Spiro, *A History of Architecture. Settings and Rituals*. Nova York: Oxford University Press, 1985.

LE CORBUSIER, “ La Ville Radieuse, Les études théoriques. Les récents”, em *Aujourd’Hui Art et Architecture* No. 51, Paris, novembro 1965, pág. 55.

MELLO JR., Donato, “Um Campus Universitário para a Cidade do Rio de Janeiro”, em *Arquitetura Revista* No. 2, 1985, Rio de Janeiro, FAU/UFRJ, pp. 52-71.

PEVSNER, Nikolaus, *A History of Buildings Types*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1976.

PORTOGHESI, Paulo, *The Architecture of the Postindustrial Society*. Nova York: Rizzoli, 1983.

SCHILDT, Göran, *Alvar Aalto*. Zurich: Verlag Für Architektur, 1963.

SCHWARTZMAN, Simon; BOUSQUET BOMENY, Helena Maria; RIBEIRO COSTA, Vanda Maria, *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Editora FGV, 2000.

SEGAWA, Hugo, “Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias y modernidades, 1936-1962”, em *PUNTO* 69, FAU/UCV, Caracas, 2001, pp. 58-75.

SEGRE, Roberto, “A ortodoxia corbusierana na obra de Jorge Machado Moreira”, em *Projeto/Design* No. 289, São Paulo, março 2004, pp. 20-24.

TOLEDO, Luiz Carlos, *Feitos para curar. Arquitetura hospitalar e processo projetual no Brasil*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira para o Desenvolvimento do Edifício Hospitalar, 2006.

XAVIER, Alberto; LEMUS, Carlos; CORONA, Eduardo, *Arquitetura Moderna Paulistana*. São Paulo: Editora Pini, 1983.